

a crítica



ÍNDIOS TOMAM POSTO DE PITINGA

Além do fechamento da estrada de acesso à mina de Pitinga, explorada pela empresa Paranapanema, os índios uaimiris-atroaris (foto) decidiram tomar o posto de segurança da empresa. Cento e dez líderes indígenas, representando 14 aldeias, permanecem na estrada. A Paranapanema sente os efeitos na bolsa de valores (Página A5)

Índios mantêm Paranapanema sob pressão

A estrada de acesso à mina do Pitinga continua interditada. Os uaimiris-atroaris só vão liberar a passagem após acordo com a mineradora

110

índios permanecem armados com arco e flecha. O acesso só é permitido para mulheres e crianças. O clima é de tensão

Wilza Freire
Enviada especial

PITINGA — Os índios uaimiris-atroaris continuam em clima de guerra na fronteira entre a reserva indígena e a mina de extração de cassiterita do Pitinga, no município de Presidente Figueiredo (107km de Manaus). Sem nenhuma resposta da mineradora Paranapanema às suas reivindicações, eles decidiram manter fechada a estrada e ainda tomar o posto de segurança da empresa. São ao todo 110 líderes indígenas, representando as 14 aldeias dos uaimiris-atroaris na área.

A disposição dos índios, ontem, era a mesma de domingo passado: só permitir a passagem de mulheres e crianças. Não houve, no entanto, nenhum conflito direto entre brancos e índios. Os uaimiris-atroaris querem que dos mais de 200 caminhões de cassiterita que saem todos os meses da mina do Pitinga, passando pela reserva, pelo menos o equivalente a um caminhão, cerca de R\$ 78 mil mensais, seja repassado como pagamento pela utilização de suas terras.

Segundo eles, o que importa neste momento não é o dinheiro, mas a segurança da área indígena. "Os uaimiris-atroaris começam a entrar em um processo de conscientização sobre o que vem sendo feito com a área que lhes pertence. Com a maioria dominando o português, eles passaram a ter acesso aos documentos da Fundação Nacional do Índio (Funai) e descobriram o que eles consideram como "várias irregularidades".



Na estrada de acesso à mina do Pitinga, flechas contradizem a placa de boas-vindas

"Fomos enganados pela Funai", denuncia o líder indígena Mário Parwe. Segundo ele, a demarcação da área do Pitinga "tirou" 526.800 hectares das terras dos uaimiris-atroaris.

Por este motivo, a ocupação do posto da Paranapanema (que no passado já foi da Funai) também teve um outro significado para os índios. Para ele, é a retomada da área que sempre lhes pertenceu. "Se eles não quiserem pagar o que estamos pedindo, o problema é deles!", disse Mário Parwe, irritado. "Vai ser melhor para nós, que não precisaremos mais gastar dinheiro fiscalizando a estrada e nem os prejuízos que eles nos causam. Eles só não vão

poder sair com mais nada daqui".

O que mais preocupa as lideranças indígenas são as declarações dos representantes da Paranapanema de que em quatro anos já não haverá mais o que explorar na área. "Eles tiram o minério e o índio vai ficar só com os buracos", argumenta Parwe, mostrando um dos rios que sofre com a poluição da mineradora.

Para ele, o valor que os índios reivindicam representa apenas meio por cento do que a mineradora retira mensalmente do Pitinga. Seria quase um valor simbólico por um minério, que segundo eles, é de propriedade indígena.

O gerente do Programa dos

Waimiri Atroari, Márcio Cavalcante, também confirma a mesma versão dos índios. Ele explica que a mineradora só começou a pagar os R\$ 16 mil que promete hoje aos uaimiris-atroaris, em 1995, apesar de fazer a exploração desde a década de 80.

O indigenista Porfírio Carvalho também defende a ideia de que os índios estão iniciando um processo de revisão das áreas demarcadas no passado. Para ele, trata-se de uma retomada, "sem volta", das terras que um dia lhes pertenceu.

Até a tarde de ontem, nenhum representante da empresa Paranapanema se dirigiu aos índios para tentar negociar.

Pressão no início da estrada

Os 110 líderes indígenas dos uaimiris-atroaris dividiram-se, desde o domingo passado, entre os dois extremos da estrada que corta a reserva indígena. Com toras de árvores eles fecharam a estrada e ameaçaram atirar com arcos e flechas os que quisessem passar.

O motorista de um dos carros-tanque que todo mês leva óleo diesel à mina do Pitinga, Carlisson de Souza, estava assustado ontem. "Quando chegamos no início da estrada, eles levantaram as flechas e os agentes da Funai nos avisaram de que não poderíamos passar", contou. "Voltei na mesma hora".

Souza, no meio do caminho, ainda avisava à reportagem: "Quando você começa a conversar com os agentes da Funai, eles vão chegando perto pra intimidar", informou. Carlisson de Souza avalia que o prejuízo da Petro-

bras para aquele dia deveria ficar em torno de R\$ 650 a R\$ 700 pelo frete do óleo diesel que não chegou a seu destino.

Apesar de estarem dispostos a utilizar suas armas de guerra a qualquer momento, os índios uaimiri-atroari estão agindo dentro do que se pode chamar de cordialidade, como avaliou o gerente do programa dos uaimiris-atroaris, Márcio Cavalcante. Além de arcos e flechas eles também estão munidos com um outro tipo de arma: câmeras de filmar.

O Programa dos Uaimiri-atroari, em convênio com a Elettronorte e Funai, gasta por mês R\$ 65 mil, entre programas de saúde, educação e manutenção de vigilância específica da reserva. O sucesso do programa pode ser avaliado pelo crescimento de sua população: de 374 índios em 1987, os uaimiri são hoje 705. Um crescimento estimado em cerca de 7% ao ano.

Conflito interfere nas bolsas

RIO (AJB) — Os desentendimentos entre Paranapanema com os índios uaimiris-atroaris em relação ao pedágio para o escoamento do minério de Pitinga se refletiram nas bolsas. Durante todo o dia de ontem, as cotações do papel ficaram praticamente estáveis, subindo de R\$ 6,95 da abertura para R\$ 7,00 até o meio da tarde. Mas na última hora e quinze minutos de pregão, as cotações deram um verdadeiro salto, subindo mais de 2%. Foram apenas 10 negócios, envolvendo cerca de 20 milhões de ações das 70 milhões negociadas hoje, que pularam de R\$ 7,05 para R\$ 7,20.

Com esse salto, o papel terminou o dia como a maior alta entre as ações pertencentes ao índice da bolsa paulista. Só hoje, Paranapanema PN subiu 3,59%, contra a queda de 2,79% da véspera. "Não acredito que a queda das cotações tenha sido em função dos problemas com os índios", disse o diretor da Paranapanema, Hélio Blak. "O impacto da atitude dos índios é pouco relevante, já que a empresa mantém estoques do mi-

nério". Blak disse ainda que o grupo estuda outras alternativas, tanto para o escoamento do minério quanto para conseguir uma nova fonte de produção de cassiterita.

"Por enquanto, não podemos adiantar as alternativas em estudo", disse. De qualquer forma, Blak lembrou que o mercado avaliou mal a incorporação de várias mineradoras pela Paranapanema. Desde fevereiro, quando o papel estava cotado a R\$ 12, as ações só caíram até chegar a R\$ 5 em maio. "Agora, as ações subiram um pouco e estão sendo negociadas entre R\$ 7 e R\$ 8", disse. Hoje, na nova estrutura da mineradora, o estanho, em conjunto com o zinco, respondem por cerca de 20% do faturamento do grupo.

A Paranapanema agora se parece mais com uma empresa produtora de cobre do que de estanho. Afinal, Carajás e Eluma/Marvin, respondem por 80% das receitas da companhia. Talvez os investidores tenham se lembrado disto no fim do pregão.